

# O ESTUDO DA HISTÓRIA

Revista da  
ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA

DIRECÇÃO  
*José das Candeias Sales*

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
*José das Candeias Sales*  
*Helena Ângelo Veríssimo*  
*Isabel Barca*

---

Revista O ESTUDO DA HISTÓRIA, n° 6

Publicação anual

Outubro de 2005

---

Os artigos incluídos neste volume são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

---

PROPRIEDADE

## A:P:H

**Associação de Professores de História**

R. Jorge Barradas, lote 217 - 2º B

1500-369 Lisboa

Tel./Fax: 217 647 201

TIRAGEM  
500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL  
99746/96

ISSN  
0873-3260

PREÇO

Associados € 8,00  
Não associados € 16,00

# A condição multicultural da antiga cidade de Alexandria

José das Candeias Sales

Universidade Aberta

«Alexandrie est, de toutes les villes remarquables de l'ancienne Égypte, celle dont il reste à-la-fois le plus grand nombre de souvenirs historiques ou de descriptions géographiques, et une très-petite quantité de ruines reconnaissables. Ces deux circonstances, dont le rapprochement nous frappe au premier aspect, sont dues à une même cause, je veux dire l'importance de cette ville et la situation de ses ports ont toujours présentée aux maîtres de l'Égypte et au reste du monde civilisé»

M. Saint-Genis, «Description des antiquités d'Alexandrie et ses environs» in *La Description de l'Égypte, Vol. 2. Antiquités – Descriptions*, 1ª ed., 1818, p. 1.

Fruto de uma aliança peculiar entre o mundo egípcio e o mundo grego, a Alexandria do Egito, a mais célebre de todas as cidades antigas que tomaram o nome do grande conquistador macedónio Alexandre Magno, tornou-se, entre os séculos IV e I a.C., a principal cidade cultural e comercial do Mediterrâneo<sup>1</sup>.

Alexandria foi fundada em Janeiro de 331 a.C., logo a seguir à entrada libertadora de Alexandre no Egito, após um par de anos de vitórias e sucessos militares, na zona da antiga povoação egípcia de Rakotis, na embocadura ocidental do Nilo, intencionalmente voltada para o Mediterrâneo, numa zona calcária pouco elevada em frente da ilha de Faros<sup>2</sup>. A sua enorme pujança e projecção ocorreria já sob os primeiros Ptolomeus (os sucessores de Alexandre no Egito), tendo então atingido patamares de grandeza mítica que ainda hoje ecoam quando o seu nome e os vários simbolismos que lhe estão adstritos são mencionados.

Alexandria foi a única fundação urbana de significado do reino ptolomaico, apesar da fundação por Ptolomeu I Sóter de Ptolemais Hermeiu, no Alto Egito, com o objectivo de se tornar nessa região sul do Egito o centro do novo regime, como Alexandria o era a norte<sup>3</sup>. No mundo urbano extraordinariamente aguerrido e competitivo dos séculos III e II

1 A situação peculiar de cidade grega em território egípcio acompanhou sempre a antiga Alexandria. Quer no período ptolomaico, quando era designada como *Alexandria près Aegyptoi*, «Alexandria junto do Egito», quer no período romano, com as nomenclaturas *Alexandrea ad Aegyptum*, *Alexandrea apud Aegyptum*, *Alexandrea in Aegyptio* ou *Alexandrea quae est in Aegyptio*, a Alexandria do Egito era considerada um caso à parte, distinto, separado, do Egito propriamente dito, provincial, rural (a chōra) – Cf. José das Candeias Sales, «Alexandrea ad Aegyptum. Protótipo de metrópole universal» in *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, II Série, nº 5. O Imaginário da cidade, Lisboa, Universidade Aberta, Dezembro 2003, p. 89.

2 Cf. Michel Chauveau, «Rhakôtis et la fondation d'Alexandrie» in *Égypte, Afrique & Orient*, nº 24, Centre Vaclusien d'Égyptologie, Villeneuve-les-Avignon, décembre 2001, pp. 13-16. Vide também Ashraf Iskander Sadek, «Alexandrie, fille de Rakotis et fruit des relations égypto-grecques» in *Le Monde Copte. Revue trimestrielle de la culture copte*, nºs 27-28, Paris, S. I. P. E., 1997, pp. 7-20, e Jane Rowlandson, «Ville et campagne dans l'Égypte ptolémaïque» in Andrew Erskine (dir.), *Le monde hellénistique. Espaces, sociétés, cultures. 323-31 av. J.-C.*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, p. 330.

3 Ainda assim, com os seus 50.000 habitantes, Ptolemais Hermeiu era a maior cidade da Tebaida, superiorizando-se mesmo à mítica Tebas (Cf. Estrabão, XVII, I, 42; 46). No entanto, a antiga cidade egípcia manteve muito do seu prestígio, muitas vezes à custa de uma certa oposição a Alexandria. No território egípcio havia ainda, a oeste do Delta, a cidade de Náucratis, antiga colónia milésia fundada na época de Psamético (XXVI Dinastia), mas esta era, de certa forma, uma herança do passado helénico e, com a fortíssima concorrência de Alexandria, foi progressivamente

a.C., a Alexandria do Egito ganhou terreno, interna e externamente, e implantou-se à custa das suas importantes instituições culturais, nomeadamente o Museu e a Biblioteca, verdadeiros símbolos de prestígio e fama para os seus fundadores<sup>4</sup>, a que se juntava a posse do *Soma*, túmulo de Alexandre, autêntico memorial de enorme repercussão identitária, e de um considerável e consistente crescimento físico e demográfico, sobretudo nos reinados de Ptolomeu I Sóter I (305-285) e de Ptolomeu II Filadelfo (285/ 283-246 a.C.)<sup>5</sup>.

## 1. Cosmopolitismo desde a fundação

A dimensão cosmopolita, internacional, centro de atracção e de fixação de populações oriundas de todas as partes do mundo conhecido de então que a cidade cedo assumiu e desenvolveu, merece um particular destaque e faz dela um grande exemplo histórico da vivência e coexistência multicultural em contextos urbanos. A condição multicultural da antiga cidade de Alexandria marcou, inclusivé, de forma indelével, a sua matriz mítica, por exemplo no que se refere aos relatos *post-eventum* sobre a sua fundação.

Face à importância desses registos, mesmo correndo o risco de nos alongarmos um pouco em termos de citações formais, é interessante notar como essa vertente cosmopolita e multicultural marcou os vários cronistas, inscrevendo a cidade num destino excepcional, qual cidade predestinada.

Objectivamente, todos atribuem a fundação de Alexandria ao próprio Alexandre Magno, facto que o integrava na muito apreciada e excepcional categoria heróica dos fundadores de cidades<sup>6</sup>, embora nem todos sejam uniformes quando à sucessão do itinerário que ele percorreu em território egípcio<sup>7</sup>.

Começemos por atender ao relato deixado por Estrabão (c. 64 a.C.-c.24 d.C.), que visitou o Egito à volta do ano 25 a.C. (muito plausivelmente residiu em Alexandria, entre c.

---

perdendo o seu estatuto de primeiro porto comercial até cair numa relativa obscuridade (Cf. André Bernand, *Leçon de civilisation*, Paris, Fayard, 1994, p. 234, 235, e J. Rowlandson, *Ob. Cit.*, pp. 329, 333).

4 Cf. André Bernand, *Alexandrie la Grande*, Paris, Hachette, 1996, pp. 118-121, e Dorothy J. Thompson, «Cultura escrita y poder en el Egipto ptolemaico» in *Cultura escrita y poder en el mundo antiguo*, Barcelona, Editorial Gedisa, 1999, p. 111; Vide também J. H. Cardinal Newman, «L'école d'Alexandrie, précurseur de l'université moderne» in *Le monde copte*, n°s 27-28, juin 1997, pp. 129-132.

5 A data de 283 a.C. refere-se objectivamente ao ano em que Ptolomeu II começou a reinar, mas o próprio rei fez recuar dois anos à sua era pessoal para, assim, incluir os dois anos (desde 285 a.C.) em que esteve associado ao pai como co-regente.

6 Cf. Claude Mossé, *Alexandre. O destino de um mito*, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 2005, p. 33. O directo envolvimento de Alexandre nas cerimónias de fundação da cidade de Alexandria que os escritores antigos mencionam é parte essencial da própria predestinação e sobrenaturalidade que pretendiam construir em torno da sua figura (Cf. José das Candeias Sales, «Prodígios e presságios como marcas da sobrenaturalidade de um herói predestinado: o caso de Alexandre Magno» in *Cadmo 15. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa*, Lisboa, Instituto Oriental, 2005, pp. 71-104).

7 Entre os relatos antigos há uma notória discordância ou variação: enquanto Arriano e Plutarco (seguidores da versão de Ptolomeu, biógrafo coevo de Alexandre) colocam a fundação de Alexandria antes da ida de Alexandre ao oásis de Siuah para consultar o oráculo de Amon, Quinto Cúrcio e Diodoro da Sicília (segundo a tradição de Aristóbulo, outro cronista coevo do general macedónio) colocam essa fundação após o regresso do conquistador do deserto. Na realidade, a fundação da cidade de Alexandria teve lugar antes da ida ao templo de Amon e não à volta, no inverno do ano 332 a.C. (Cf. Peter Green, «Alexander's Alexandria» in *Alexandria and alexandrinism*, Malibu-California, The J. Paul Getty Museum, 1996, p. 8). Os informes de Quinto Cúrcio dizem-nos ainda que as muralhas da cidade tinham um perímetro de 80 estádios, isto é, c. de 14.800 m (Quinto Cúrcio IV, 8, 2). Sobre as fontes para a história helenística e sobre o trabalho dos escritores tardios que escreveram sobre Alexandre Magno ou Alexandria, vide Andrew Erskine, «Pour aborder le monde hellénistique» in Andrew Erskine (dir.), *Le Monde Hellénistique. Espaces, sociétés, cultures – 323-31 av. J.-C.*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, pp. 29-34.

de 26 e c. de 20 a.C.), quando o mandato de prefeito pertencia a Aélio Galos<sup>8</sup>. A propósito de Estrabão diga-se em abono da verdade que a sua descrição sistemática da cidade de Alexandria é o único guião disponível fiável para uma reconstituição do seu plano e das primeiras intervenções urbanísticas e arquitectónicas de Lágidas e Romanos. Sobre a fundação da cidade, Estrabão escreveu:

«(...) Alexandria e os seus arredores constituem a parte principal e a mais rica do [Egipto]. (...). Assim que Alexandre visitou o local e percebeu as suas vantagens, decidiu erguer a cidade e o porto. Os escritores recordam, como signo de boa sorte que se associou desde então à cidade, um incidente ocorrido durante o traçado das linhas das fundações. Enquanto os arquitectos marcavam com terra branca a linha da muralha, a terra branca acabou. O rei chegou nesse preciso momento; os seus intendentos arranjaram então uma parte da farinha preparada para a alimentação dos trabalhadores e foi com ela que as ruas foram traçadas em grande número. Este acontecimento, diz-se, foi interpretado como um presságio positivo.»<sup>9</sup>

Na versão dos acontecimentos registada por Estrabão, a utilização da farinha em vez de «terra branca» foi sinal benfazejo associado à cerimónia de fundação-delimitação do perímetro da cidade. Outros escritores são mais prolixos em pormenores e em explicações:

«Dizem, com efeito, que, depois da conquista do Egipto, quis fundar uma cidade grande e populosa, habitada por Gregos, sua epónima, e, a conselho dos arquitectos, fazia medir e traçar o circuito em certo lugar, quando à noite, dormindo, teve uma visão maravilhosa. Parecia-lhe ver um varão, de cabelos muito brancos e de aspecto venerando, que se colocava a seu lado e lhe dizia aqueles versos. “Depois há uma ilha no mar de vagas tumultuosas/ Em frente do Egipto: chamam-lhe Faro.” Tão depressa se levantou, partiu para Faro, que então era ainda uma ilha, um pouco acima da boca de Canopo, mas que hoje está ligada ao continente por um aterro. Quando viu um lugar de extraordinárias vantagens naturais, porque era uma língua de terra, com um istmo de suficiente dimensão, entre um grande lago por um lado, e, pelo outro, um mar que termina num grande porto, dizendo que Homero, sendo admirável em tudo, era também o mais hábil arquitecto, determinou se traçasse o plano da cidade, em harmonia com a posição do lugar. Como não dispunham de cré, servem-se de farinha e traçam sobre a terra enegrecida uma área circular, cuja circunferência interior limitava duas bases rectas, de forma a produzir a figura de uma clâmide, com as linhas começando nas franjas e estreitando uniformemente a superfície. O Rei estava encantado com este plano, quando subitamente vêm do rio e do lago inúmeras aves, de toda a espécie e grandeza, que descem sobre o local, como nuvens, e não deixam nem rasto da farinha. Alexandre ficou perturbado com o presságio, mas os adivinhos aconselharam-no a ficar tranquilo, dizendo-lhe que a cidade, que ali fundará, terá de tudo em abundância e alimentará habitantes vindos de todos os países do mundo. Ordenou, pois, aos encarregados que metessem mãos à obra, e ele partiu para o templo de Amon, viagem longa, cheia de dificuldades e de fadigas, e que tem dois grandes perigos: a falta de água, consequência de haver vários dias de marcha em pleno deserto; depois, o risco de ser surpreendido, ao atravessar estas imensas planícies de areias movediças, por um vento violento do Sul, como dizem ter acontecido ao exército de Cambises: este vento, tendo levantado vastas porções de areia, transformou toda esta planície num mar proceloso, sepultou e destruiu cinquenta mil homens.»<sup>10</sup>

Como se constata, o relato de Plutarco (46-120 d.C.) é bem mais circunstanciado do que aquele que Estrabão nos deixou, indicando que a inspiração para o local preciso da nova cidade foi sugerida a Alexandre, «quando, à noite, dormindo, teve uma visão maravilhosa», por

8 Cf. Strabon, *Voyage en Égypte Un regard romain*. Préface de Jean Yoyotte; trad. de Pascal Charvet; commentaires de J. Yoyotte et P. Charvet, Paris, Nil Éditions, 1997, pp. 18, 275.

9 Estrabão, *Geographie*, XVII, 1, 6 – a tradução é nossa.

10 Plutarco, *Alexandre*, 26.

Homero («*varão, de cabelos muito brancos e de aspecto venerando*») e pelos seus versos da Odisseia<sup>11</sup> e que a marcação do traçado da cidade com farinha foi acompanhada pelo voraz voo de aves do rio Nilo e do lago Mareótis que nem rasto da farinha deixaram.

Segundo Plutarco, o augúrio perturbou Alexandre e só pela interpretação francamente favorável dos factos este se aquietou: a cidade em projecto tornar-se-ia uma grande cidade, abundante e próspera, capaz de alimentar (material e espiritualmente, como o porvir demonstraria) «*habitantes vindos de todos os países do mundo*».

A mesma mensagem sobre o significado do prodígio e o futuro auspicioso da cidade é transmitida por Quinto Cúrcio, também no séc. I d.C., na sua *Historiae Alexandri Magni Macedonis*:

*«Alejandro, cuando llegó, a su vuelta del templo de Amón, a la laguna Mareotis, situada no lejos de la isla de Faros, al contemplar la naturaleza del lugar, decidió en un principio fundar una ciudad en la misma isla. Después, al comprobar que la isla no ofrecía capacidad para una ciudad de gran extensión, eligió para el emplazamiento de la misma el lugar en el que ahora se levanta Alejandría (llamada así por el nombre de su fundador). Abarcando todo el terreno que se extiende entre el lago y el mar, destinó para las murallas un perímetro de 80 estadios e, tras dejar allí a los encargados de edificar la ciudad, se dirigió a Menfis. (...) Los habitantes de las ciudades vecinas recibieron orden de emigrar a Alejandría y así la nueva ciudad alcanzó una gran población. Se cuenta que, al señalar con la polenta el círculo sobre el que se habían de levantar las murallas, como acostumbra hacerlo los macedonios, una bandada de pájaros acudieron volando y comieron la polenta, y como la mayor parte interpretaron como fatídico aquel presagio, se dice que los adivinos respondieron que una gran muchedumbre de extranjeros vendría a habitar aquella ciudad y que ésta ofrecería alimento a muchos países.»*<sup>12</sup>

Flávio Arriano Xenofonte (95-175 d.C.), já no séc. II d.C., na sua *Anabasis de Alexandre Magno*, volta a fixar apenas a primeira parte do prodígio (a marcação com farinha), embora fazendo a mesma leitura sobre o destino de abundância e de fertilidade da Alexandria do Egipto:

*«A propósito, se cuenta una anécdota, que a mi parecer no es del todo increíble. Quiso el propio Alejandro señalar a los albañiles los límites de por dónde habían de alzarse las obras de fortificación, pero no tenía con qué marcar la señal sobre la tierra. A uno de los maestros de obra se le ocurrió hacerlo con la harina que los soldados transportaban en unos barriles, y dibujó con ella el contorno circular de la fortificación de la ciudad, precisamente por donde el rey había indicado que se hiciera. Reflexionando sobre esto los adivinos, especialmente Aristandro, el telmisio, que ya en muchas ocasiones anteriores había interpretado a Alejandro con exactitud muchos otros augurios, vaticinaron que la nueva ciudad sería próspera por muchas razones, y en especial por su fertilidad en frutos de la tierra.»*<sup>13</sup>

Diodoro da Sicília (c.90 - c.20 a.C.), que escreveu também, como Estrabão, no séc. I a.C. (visitou Alexandria no ano 60 a.C.), dá também elementos concretos sobre a fundação e crescimento de Alexandria:

11 *Odisseia*, IV, 354-355. No Pseudo-Calístenes (*Romance de Alexandre*), o ancião que apareceu a Alexandre era o próprio deus Amon e a visão teria ocorrido no santuário líbico de Siuah.

12 Quinto Cúrcio, *Historia de Alejandro Magno*, IV, 8, 1-3; 5-6.

13 Arriano, *Anábase de Alejandro Magno*, III, 2, 1 e 2. O relato de Arriano sobre a fundação de Alexandria inicia-se com a referência à acção do próprio Alexandre na fixação de «*los límites de la ciudad, el lugar donde había de alzarse el mercado, el perímetro de los muros y el número de templos y de dioses que en ellos se venerarían, incluyendo no solo a los griegos, sino también al egipcio Isis. Ofreció sacrificios a este fin y las víctimas le resultaron propicias*» (Arriano, III, 1, 5).

«He decided to found a great city in Egypt, and gave orders to the men left behind with this mission to build the city between the marsh and the sea. He laid out the site and traced the streets skilfully and ordered that the city should be called after him Alexandria. It was conveniently situated near the harbour of Pharos, and by selecting the right angle of the streets, Alexander made the city breathe with the etesian winds so that as these blow across a great expanse of sea, they cool the air of the town, and so he provided its inhabitants with a moderate climate and good health. Alexander also laid out the walls so that they were at once exceedingly large and marvellously strong. Lying between a great marsh and the sea, it affords by land only two approaches, both narrow and very easily blocked. In shape, it is similar to a chlamys, and it is approximately bisected by an avenue remarkable for its size and beauty. From gate to gate it runs a distance of forty furlongs; it is a plethron<sup>14</sup> in width, and is bordered throughout its length with rich facades of houses and temples. Alexander gave orders to build a palace notable for its size and massiveness. And not only Alexander, but those who after him ruled Egypt down to our own time, with few exceptions have enlarged this with lavish additions. The city in general has grown so much in later times that many reckon it to be the first city of the civilized world, and it is certainly far ahead of all the rest in elegance and extent and riches and luxury. The number of its inhabitants surpasses that of those in other cities. At the time when we were in Egypt, those who kept the census returns of the population said that its free residents were more than three hundred thousand, and that the king received from the revenues of the country more than six thousand talents. However that may be, King Alexander charged certain of his Friends with the construction of Alexandria, settled all the affairs of Egypt, and returned with his army to Syria.»<sup>15</sup>

Além dos dados míticos da fundação, Diodoro é explícito quanto à importância demográfica da capital ptolomaica («o número dos seus habitantes ultrapassa o de outras cidades»), mencionando o número, talvez exagerado, de «300.000»<sup>16</sup>.

Por fim, veja-se o relato do séc. III d.C. do Pseudo-Calístenes, cuja narrativa engloba igualmente uma referência directa aos auspícios do momento da fundação:

«Não existe cidade maior do que Alexandria. (...) Alexandre encontrou aí uma rede de cursos de água, de canais e de aldeolas. Olhando da terra para o mar, reparou numa ilha e quis saber o seu nome. Os indígenas responderam-lhe: «É Faros, a ilha onde viveu Proteu; o seu túmulo, que veneramos, encontra-se aqui, no cimo de uma colina.» (...) Alexandre ofereceu um sacrifício ao herói Proteu e, vendo que o túmulo havia sido destruído pelo tempo, mandou-o restaurar. De seguida, ordenou que traçassem no solo o perímetro da cidade. Para isso, foi utilizada farinha; mas, então, um bando de aves de todos os tipos abateu-se sobre a farinha e devoraram-na antes de retomarem voo. Alexandre, contrariado, chamou os adivinhos e contou-lhes o que se passara. E eles concluíram: «a cidade que acabas de fundar alimentará o mundo inteiro e, por todo o lado, encontrar-se-ão... os seus naturais; pois as aves voaram para todo o mundo inteiro.» (...) Assim que as fundações da maior parte da cidade foram terminadas, Alexandre mandou desenhar a planta de cinco bairros, designando cada um com uma letra: A, B, Γ, Δ e E. A para Alexandre; B para «basileus», o rei; Γ e Δ para «génos Dios», descendentes de Zeus, e E para «ektisen», e fundou uma cidade eterna.»<sup>17</sup>

Nenhum dos relatos atrás citados dos séculos I a. C. a III d.C. deixou passar em branco os augúrios (visão onírica, marcação dos limites da cidade com farinha ou voo devorador das aves) da fundação da cidade de Alexandria ou as excelentes condições da

14 100 pés.

15 Diodoro, XVII, 52, 1-7.

16 Talvez, mais plausivelmente, devemos pensar em cerca de metade ou pouco mais (entre 150.000 e 200.000). Há, no entanto, quem considere os números de Diodoro verosímeis, aceitando mesmo um total de habitantes na ordem dos 500.000 (Cf. Bertrand Lançon, Christian-Georges Schwentzel, *L'Égypte hellénistique et romaine*, Paris, Nathan, 1999, p. 68).

17 Pseudo-Calístenes, *Romanço de Alexandre*, I, 4 – a tradução é nossa.

localização geográfica escolhida. Aqueles, acontecimentos-chave na economia das narrativas, perturbaram particularmente Alexandre Magno, o próprio fundador predestinado e visionário, mas a interpretação favorável dos adivinhos sobre a excelência da sua localização e o futuro grandioso da nova urbe resolveriam a momentânea angústia.

Os prodígios do momento da fundação de Alexandria, naquele exacto lugar, em frente da ilha de Faros, em território do Egipto, desde o sonho inspirador ao voo devorador das aves, inscreviam-na, assim, como o futuro se encarregaria de mostrar e as «profecias» literárias *post-eventum* de mencionar, num destino excepcional de cidade predestinada.

## 2. Uma cidade, vários povos e várias culturas

Historicamente, quem projectou e desenhou a cidade, sob encomenda do general macedónico, com grandes avenidas, teatros, museus, hipódromos e um complexo sistema de canalização que levava água potável à cidade desde o lago Mareótis, situado a sul, foi Dinócrates de Rodes<sup>18</sup>.

A planta da cidade, concebida segundo o modelo hipodâmico (aquele que Hipódamo de Mileto aplicara para o desenho da sua cidade natal), com o mar em fundo e rodeada por uma *péríbolos*, muralha (com cerca de 15 Km de comprimento no período ptolomaico<sup>19</sup>), que delimitava o espaço urbano propriamente dito, que se estendia entre o lago Mareótis e o mar Mediterrâneo, articulava-se em torno de uma via principal, que atravessava a cidade de leste a oeste, justamente no sentido do seu comprimento, a chamada Via Canópica<sup>20</sup>. No sentido norte-sul, uma outra rua principal cortava perpendicularmente a Via Canópica. Várias ruas ortogonais compunham o resto da grelha rectangular.

As várias ruas da cidade formavam, portanto, uma redícula, segmentando muitas delas, perpendicularmente, quer a Via Canópica, quer o eixo norte-sul. A forma global da cidade, semelhante à de outras cidades helenísticas, assemelhava-se a uma clâmide, a tradicional capa macedónica que os soldados usavam presa no ombro direito<sup>21</sup>.

Ao escolher, por razões práticas, essencialmente de ordem militar, erguer uma cidade numa região com uma costa inóspita e perigosa<sup>22</sup>, mas com um grande lago de água doce a sul, alimentado por canais provenientes do Nilo, capaz de beneficiar extensas áreas de irrigação, Alexandre terá percebido, de imediato, além da sua potencial fertilidade, as enormes possibilidades estratégicas que o seu porto apresentaria. Desde logo, a cidade foi orientada para o mar.

Essas potencialidades seriam, de facto, exploradas e desenvolvidas com os primeiros Ptolomeus. A ilha de Faros (dessa localização retirou o seu nome o célebre farol de

18 O canal que marcava o limite sul da cidade e pelo qual se acedia ao exterior foi uma artéria vital para a alimentação dos Alexandrinos e para o transporte de mercadorias.

19 No início do período romano, a muralha teria entre 30 a 40 estádios de comprimento, ou seja, entre 5550 e 7400 m, e 7 a 10 m de largura (Cf. A. I. Sadek, *Ob. Cit.*, p. 13. Vide também Yvon Garian, «Les murailles d'Alexandrie» in *La gloire d'Alexandrie*, p. 8; Jean Yves-Empereur, *Alexandrie redécouverte*, Paris Fayard/ Stock, 1998, pp. 46-48).

20 Os extremos este e oeste da Via Canópica eram, respectivamente, a Porta da Lua e a Porta Canópica. A Via Canópica corresponde aproximadamente à actual rua Bab-Charkieh Cf. Strabon, *Voyage en Égypte. Un regard romain*, p. 74, nota 88).

21 Cf. Richard Billows, «Les cités» in Andrew Erskine (dir.), *Le Monde Hellénistique. Espaces, sociétés, cultures – 323-31 av. J.-C.*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, p. 269. A forma de clâmide é, como vimos, referida por Plutarco (26), por Diodoro da Sicília (XVII, 52, 1-7) e também por Estrabão (XVII, 1,8).

22 Cf. A. Bernard, *Ob. Cit.*, pp. 27-37.

Alexandria<sup>23</sup>) foi ligada ao continente, na época do primeiro dos Ptolomeus, através do heptastádio<sup>24</sup>, um pontão ou dique, que, a partir daí, deu origem à formação de dois portos: o ocidental, Porto Eunostos, «porto do feliz regresso», e o oriental, o Grande Porto<sup>25</sup>.

O forte impulso económico que a actividade destes dois portos (dos mais frequentados na Antiguidade, senão mesmo os mais frequentados) implicou, de forma quase vertiginosa na primeira metade do séc. III a.C, permitiu que Alexandria se tornasse um pólo de atracção incontornável para os povos vizinhos, particularmente do mundo mediterrânico de então, que para ela imigraram, nela se fixaram devido às possibilidades comerciais e culturais que oferecia e que dela fizeram uma cidade cada vez mais florescente. Como registou Quinto Cúrcio na passagem que citámos, «*Los habitantes de las ciudades vecinas recibieron orden de emigrar a Alejandría y así la nueva ciudad alcanzó una gran población.*»

Este fluxo migratório está também subjacente às conclusões de Diodoro da Sicília quando dizia, a propósito da capital ptolomaica, que «*o número dos seus habitantes ultrapassa o de outras cidades*» e o estimava em «*300.000*». Aliás, os encómios de Diodoro não se ficam por aqui: ele também diz que «*a cidade ganhou tal incremento durante anos sucessivos que é por muitos considerada a primeira cidade do mundo civilizado, e isso deve-se seguramente, antes de mais, à sua elegância, ao seu tamanho, à sua riqueza e ao seu luxo.*»<sup>26</sup> As excepcionais possibilidades de enriquecimento na vida comercial ou de estabilidade socio-económica pela entrada na hierarquia burocrática do Estado lágida estavam entre os principais factores de atracção da cidade de Alexandria sobre os estrangeiros, particularmente sobre os Gregos e os Macedónios.

Ao se fixarem, essas populações imigradas tenderam para uma certa segregação urbanística. Em Alexandria foram-se, assim, formando bairros (*moirai*) claramente diferenciados consoante a população que os habitava e designados com as cinco primeiras

23 O farol de Alexandria, um dos mais célebres monumentos da cidade, uma das sete maravilhas do mundo antigo, foi iniciado no reinado de Ptolomeu I Sóter (em 297 a.C.) e terminado no do seu filho Ptolomeu II Filadelfo. A inauguração data de cerca de 283 a.C., depois de cerca de quinze anos de trabalho. Com os seus três andares (o primeiro de estrutura quadrangular, com 30 m de lado e 70 m de altura; o segundo de forma octogonal, com 30 m de altura, e o último cilíndrico, com 9 m de altura, encimado com uma estátua de Zeus Sóter) e os seus cerca de 120 metros de altura, o farol emitia uma luz de orientação para os marinheiros que se aproximavam das costas egípcias que podia ser vista a 55 Km de distância. Na base do farol ficava o templo de Ísis Faria (a Ísis da ilha de Faros) que era a deusa protectora dos marinheiros. O farol de Alexandria, objecto de inúmeras representações em moedas e mosaicos romanos, viria a ser destruído em 1375 por um terramoto, embora em 1349, conforme relato de Ibn Battuta, estivesse já em adiantado estado de ruína, sendo, porém, um dos monumentos do mundo que mais tempo permaneceu em actividade, ou seja, cerca de 1700 anos. É hoje admitido por alguns que muitos dos seus blocos foram reutilizados na construção do forte de Qait-Bay (visíveis na alvenaria da fortaleza), embora sem se poder afirmar indiscutivelmente que a localização é a mesma, e que outros, de granito e de quartzito, se encontram caídos, a 6-8 m de profundidade, na parte ocidental da baía de Alexandria, a este do forte mameluco de Qait-Bay, como se pôde comprovar por escavações submarinas (Cf. Jean-Yves Empereur, *Le phare d'Alexandrie*, Paris, Découvertes Gallimard, 1998; *Id.*, *Alexandrie redécouverte*, pp. 63-87; *Id.*, «Le phare d'Alexandrie» in *La gloire d'Alexandrie*, Catalogue générale de l'exposition «La gloire d'Alexandrie» (Paris, 7 mai-26 juillet 1998), Paris, Paris-Musées, 1998, pp. 98-104).

24 O heptastádio também foi construído por Dinócrates de Rodes. Recebeu o seu nome dos «sete estádios» do seu comprimento, ou seja, 1260 m de comprimento (tomando como referente o estádio ptolomaico que é de 180 m).

25 O Grande Porto, apesar de menos abrigado, era preferido em detrimento do Porto Eunostos, uma vez que a sua profundidade era menor. Não obstante, o Grande Porto conheceria um progressivo declínio e actualmente é apenas utilizado para embarcações de pesca e de recreio (Cf. Strabon, *Voyage en Égypte. Un regard romain*, p. 78, nota 73). Os dois portos de Alexandria funcionavam como portos de exportação (trigo, papiro, tecidos, perfumes — os «artigos de Alexandria»), de importação (madeira, metais, mármore, azeite, e vinhos finos) e de trânsito, que introduzia no mercado internacional os produtos que lhe chegavam da África profunda (marfim, ouro, plumas de avestruz, escravos negros, animais selvagens), da Arábia ou da Índia (aromas, perfumes e sedas). O tráfego marítimo e fluvial centrado em Alexandria ou que em Alexandria fazia transbordo esteve na base do extraordinário desenvolvimento económico da cidade na época greco-romana (Cf. Pierre Lévêque, *O mundo helenístico*, Lisboa, Edições 70, 1987, p. 69).

26 Diodoro, XVII, 52, 5.

letras do alfabeto grego (Alfa, Beta, Gama, Delta e Epsilon). Recordemos as cinco secções ou bairros a que os escritos do Pseudo-Calístenes fazem alusão: «*Alexandre mandou desenhar a planta de cinco bairros, designando cada um com uma letra: A, B, Γ, Δ e E*». Cada bairro estava, por sua vez, subdividido em quarteirões (o quarteirão «diante da casa do navarca»; o quarteirão «no exterior da *xyléra*», etc.) e em parcelas (designadas pelo nome do primeiro proprietário ou de um dos seus sucessores: «na parcela de Potamôn»; «na parcela de Sabinus», etc.<sup>27</sup>).

Estrabão é dos autores antigos aquele que mais informações nos fornece sobre os vários espaços e edifícios públicos da cidade (já do período romano) como acontece na seguinte passagem:

«*L'aire de la ville a la forme d'une chlamyde; les longs côtés de la chlamyde sont ceux que baignent les eaux de la mer et du lac, avec un diamètre d'environ trente stades, et les cotes courts sont formés par les deux isthmes, de sept à huit stades de largeur chacun, et enserrés d'un côté par la mer et de l'autre par le lac. La ville est partout sillonnée de rues que peuvent utiliser les cavaliers ou les conducteurs de char; deux d'entre elles sont extrêmement larges, de plus d'un plèthre de largeur<sup>28</sup>, et s'entrecroisent à angle droit. La ville renferme des parcs splendides et les bâtiments royaux, qui occupent le quart, voire le tiers de la superficie totale, car chacun des rois, jaloux d'embellir à son tour les édifices publics de quelque nouvel ornement, ne l'était pas moins d'ajouter, à ses propres frais, une résidence à celles déjà existantes, de sorte que maintenant on peut leur appliquer le mot du poète: "Ils naissent les uns des autres".*»<sup>29</sup>

No entanto, globalmente falando, os autores antigos são muito parcos na informação sobre os bairros propriamente ditos. De facto, dos cinco bairros a que se referem de forma genérica, apenas se conhecem dois: o de Rakotis e o Brucheion. No bairro de Rakotis, «o bairro egípcio», o mais antigo e o mais popular, de ruas mais estreitas, residiam os egípcios nativos, com os seus monumentos de estilo faraónico<sup>30</sup>. Perto do porto fluvial onde aportavam as embarcações provenientes do interior do país, o bairro de Rakotis acolhia, sem dúvida, a população da *chôra* que emigrava para a capital<sup>31</sup>. A população egípcia estendia-se também à zona da ilha de Faros.

Na zona de Brucheion, perto do Grande Porto (o oriental), situavam-se os palácios reais ptolomaicos. Este conjunto de palácios costeiros era conhecido como *Basileia* e mais tarde *Regia*<sup>32</sup>. Era o bairro Beta, o mais prestigioso dos bairros, local de residência das figuras gradas e eminentes da cidade. Perto desta área, na parte mais oriental da cidade, ficava o

27 Cf. Fabienne Burkhalter, «L'organisation des populations» in *La gloire d'Alexandrie*, Catalogue générale de l'exposition «La gloire d'Alexandrie» (Paris, 7 mai-26 juillet 1998), Paris, Paris-Musées, 1998, p. 105. Nos registos públicos, cada domicílio alexandrino era referenciado através das três indicações que determinavam a sua localização na malha do tecido urbano: o bairro, o quarteirão e a parcela.

28 Cerca de 30 m. Trata-se de uma largura excepcional para os hábitos gregos e que durante toda a Antiguidade tanto surpreendeu todos os visitantes da cidade. Estas generosas dimensões adaptavam-se bem quer à circulação militar (no caso, da cavalaria) quer aos desfiles e procissões que marcaram a vida da cidade no período ptolomaico e que eram a melhor ocasião para o poder político projectar na heterogénea população da cidade uma imagem de poder e de magnanimidade (Cf. J. Rowlandson, *Ob. Cit.*, pp. 330, 332).

29 Estrabão, XVII, 1,8. O resto do § 8 e os §§ 9 e 10 comportam mais descrições dos edifícios públicos e sagrados de Alexandria (*Museion*, *Soma*, palácios, teatro, arsenais, templos, ginásio, hipódromo, etc.).

30 Foi para o bairro de Rakotis, situado na zona centro-ocidental da cidade, que se deslocou a comunidade judia quando foi expulsa de outros bairros da cidade, em 38 d.C., por Avilius Flaccus.

31 Cf. F. Burkhalter, *Ob. Cit.*, p. 105.

32 O Museu e a Biblioteca estavam instalados no bairro de Brucheion, perto do mar, formando parte do complexo palaciano, juntamente com outras edificações governamentais. Foi neste bairro que Júlio César estabeleceu as suas tropas, aquando da guerra de Alexandria.

bairro da comunidade judaica que chegou a Alexandria, logo depois da batalha de Gaza (312 a.C.), atraída pelas suas riquezas e pelo seu saber<sup>33</sup>.

O resto da população da cidade era basicamente de origem helénica, mas, ao contrário de outras, não se mantinha também segregada, embora tivesse chegado a Alexandria em busca das prometidas novas oportunidades. Com a propaganda de atracção feita no reinado de Ptolomeu II Filadelfo assistiu-se à chegada de gregos livres provenientes da Grécia, das ilhas do Egeu e das cidades da Ásia Menor, o que aumentou consideravelmente a população da cidade neste período e contribuiu, seguramente, para que Alexandria fosse considerada uma cidade grega, de cariz multicultural<sup>34</sup>.

Compreensivelmente, com este encorajamento à imigração massiva para a «terra das oportunidades»<sup>35</sup>, a população de Alexandria aumentou exponencialmente, dividiu-se e hierarquizou-se fortemente. Havia 720 fratrias, 60 demos e 5 tribos<sup>36</sup>. Os Gregos eram a classe privilegiada dos cidadãos alexandrinos (a elite social da cidade), embora também entre eles existisse, obviamente, uma marcada hierarquia. Esta aristocracia de base helénica desempenhou um papel único na economia marítima de Alexandria e na administração central sediada na capital.

Ao mencionar a divisão social de Alexandria na sua *Geografia*, Estrabão cita o historiador grego Políbio (200-118 a.C.)<sup>37</sup>:

*«Também Políbio, que visitou a cidade, expressa o seu desgosto pelo estado em que a encontrou no seu tempo. Três tipos de habitantes, diz ele, viviam na cidade: os Egípcios, ou seja, os nativos do país (da chôra), inteligentes e submissos às leis; os mercenários, grosseiros, numerosos e indisciplinados que a nulidade dos príncipes ensinara mais a comandar que a obedecer (...) e o terceiro tipo, os Alexandrinos que (...) não eram fáceis de governar, sendo, no entanto, melhores que aqueles [os mercenários], pois, embora constituídos por uma população mesclada, eram Gregos de origem e como eles não haviam esquecido os costumes comuns aos Gregos.»*<sup>38</sup>

Para o quadro social de Alexandria ficar completo, deve acrescentar-se à enumeração de Políbio-Estrabão os habitantes do bairro Delta, isto é, os Judeus<sup>39</sup>. Os

33 Sobre a comunidade judia, diga-se que residiu em Alexandria até às primeiras vagas de emigração, a partir de 1948. Na época de Ptolomeu II, 72 eruditos judeus vieram para Alexandria e, segundo a tradição, em 72 dias, traduziram para grego os seus livros sagrados, compostos em grande parte em hebreu e em aramaico. Daí a designação de Tradução dos Setenta ou Septuaginta dada à versão grega do Antigo Testamento.

34 Ptolomeu II Filadelfo herdara e ampliara um império que, além do Egipto, englobava a Líbia, Chipre, Rodes, a Palestina, a Cirenaica, a maior parte do Egeu e o Levante. Foi neste império ptolomaico, juntamente com as áreas limítrofes (Macedónia e Trácia, por exemplo) que se «recrutaram» os futuros habitantes de Alexandria. Esta população livre de base helénica proveniente das possessões exteriores surge frequentemente referida na documentação papirológica da época helenística.

35 Cf. Francisco Javier Gómez Espelósín, «Alejandría, la ciudad de las maravillas» in *Ciudades del mundo antiguo*, Madrid, Ediciones Clásica, 1997, p. 68.

36 Uma tribo compreendia 12 demos e os demos 16 fratrias. É possível que, no início, as 5 tribos correspondessem aos 5 *moirai* da cidade (Cf. *Ibid.*, pp. 106, 107).

37 Políbio visitou a cidade durante o segundo reinado de Ptolomeu VIII Evérgeta II, que se estendeu de 145 a 116 a.C. É verosímil que Políbio tenha estado na cidade em 140 a.C., acompanhando a embaixada de Cipião Emiliano, seu amigo. Nada, porém, permite confirmar com certeza estes dados (Cf. Strabon, *Voyage en Égypte Un regard romain*, p. 96, nota 144).

38 Estrabão, XVII, 1, 12. A tradução é nossa.

39 Conhecendo, desde a época ptolomaica, uma visível prosperidade material e uma franca participação na vida administrativa, social e militar de Alexandria, os Judeus, cerca de 2/5 da população da cidade, estavam também espalhados por toda a cidade, misturados com o resto da população, sem qualquer «auto-guetização», mas a maioria residia em dois distritos específicos que se tornaram nos bairros judeus da cidade (Cf. A. Bernand, *Alexandrie des*

Egípcios vinham da *chôra*. Maioritariamente, eram de baixa condição, indo engrossar as camadas mais baixas da população urbana de Alexandria. No entanto, é preciso não esquecer os membros oriundos das elites indígenas, provinciais, de cultura demótica e mesmo hierática, que acabaram por se helenizar, linguística e intelectualmente, para ingressar nos quadros médios e superiores da administração ptolomaica<sup>40</sup>.

O triunfo do dialecto helenístico chamado *koiné*, quer dizer «comum», tendo como base essencial o dialecto ático, como língua de administração, a adopção do critério linguístico como critério de entrada ou exclusão da carreira pública e a pretensão, concretizada em muitos casos, de assimilação da língua dos conquistadores por parte da elite egípcia ligada à burocracia (bilinguismo pragmático) alteraram profundamente a situação linguística do Egipto, em geral, e de Alexandria, em particular<sup>41</sup>.

Os «mercenários, grosseiros, numerosos e indisciplinados» vinham, preferencialmente da Grécia ou de zonas helenizadas, ou seja, um pouco de todos os lados. A cidade foi um permanente chamariz para colonos indígenas e estrangeiros, para mercenários e para todos aqueles que procuravam melhorar as suas condições de existência na grande metrópole. Durante os séculos III e II a.C., o *transfer* de populações foi constante.

Atraindo Gregos, Macedónios, Trácios, Lícios, Cários, Gauleses, Judeus, Africanos, Anatólios, Sírios, Indianos, Mesopotâmicos, Persas, Itálicos, etc., uma desnorteante variedade de povos e de culturas<sup>42</sup>, a cidade cresceu e implantou-se como primeira cidade cosmopolita, desde o período ptolomaico, consolidando a sua importância comercial e cultural no período romano, que manteve, no fundo, até à Idade Média.

A feição urbana e cosmopolita da cidade-capital favoreceu, sobretudo, os imigrantes Greco-macedónios, sob patrocínio da administração central: «l'immigrant grec, venu en Égypte dans le but de s'enrichir ou de faire carrière, trouvait là, en sa faveur, une politique pro-hellène telle que l'ont développée les premiers Lagides»<sup>43</sup>. A língua, a cultura, as práticas e a consciência de cada grupo social ampliavam os contornos do dualismo étnico autóctones-ocupantes estrangeiros, em regra desfavorável aos Egípcios e permitiam que aqueles se impusessem a estes<sup>44</sup>.

---

Ptolémée, Paris, CNRS, 1995, p. 43; Pierre Lévêque, *Ob. Cit.*, p. 68; Eric S. Gruen, «Juifs et Grecs» in Andrew Erskine (dir.), *Le Monde Hellénistique. Espaces, sociétés, cultures – 323-31 av. J.-C.*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, pp. 358, 359). Durante algum tempo, tomando por base Flávio Josefo, considerava-se que os Judeus viviam regidos por um *politeuma*, espécie de governo próprio que lhes permitia viver segundo as suas próprias leis. Hoje essa ideia está abandonada e defende-se que a comunidade judaica de Alexandria se organizava como um *synodos*, uma associação privada de tipo greco (Cf. B. Lançon, C.-G. Schwentzel, *Ob. Cit.*, p. 69).

40 Cf. Jean Yoyotte, «Le nom égyptien du "ministre de l'économie"» in CRAIBL, Paris, 1989, pp. 73-90. Vide também José das Candeias Sales, «Literacia e bilinguismo: novas configurações da administração egípcia no período ptolomaico» in *Percurso do Oriente Antigo. Estudos de homenagem ao Professor Doutor José Nunes Carreira na sua jubilação académica*, Lisboa, Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 497-512.

41 Cf. Michel Chauveau, «Bilinguisme et traductions» in *Le décret de Memphis. Colloque de la Fondation Singer-Polignac à l'occasion de la célébration du bicentenaire de la découverte de la Pierre de Rosette* (sous la direction de Dominique Valbelle e Jean Leclant), Paris, Diffusion de Boccard, 1999, pp. 25-39; Lucia Criscuolo, «Le istituzioni pubbliche nell'Egitto tolemaico» in *Egitto e società antica. Atti del convegno. Torino 8/9. VI – 23/24. XI. 1984*, Milano, Vita e Pensiero, 1985, p. 136, e Dorothy J. Thompson, «Language and literacy in early hellenistic Egypt» in *Ethnicity in hellenistic Egypt* (edited by Per Bilde, Troels Engberg-Pedersen, Lise Hannestad and Jan Zahle), Studies in Hellenistic Civilization III, Aarhus, Aarhus University Press, 1992, p. 39.

42 Cf. M. H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica. I Vol. Cultura Grega*, 7ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 522.

43 Florence Doyen, René Preys, «La présence grecque en Égypte ptolémaïque: les traces d'une rencontre» in *L'atelier de orfèvre. Mélanges offerts à Ph.*, Leuven, Peeters, 1992, pp. 63-85

44 Cf. Barbara Anagnostou-Canas, «Rapports de dépendance coloniale dans l'Égypte Ptolémaïque I. L'appareil militaire» in *Bulletino dell'Istituto di Diritto Romano Vittorio Sialoja (BIDR)*, Vol. XXXI-XXXII, 1989-90, pp. 166, 167, e Andrew Erskine,

Embora as aspirações de prosperidade e de sucesso social fossem partilhadas por todos, imigrados e nativos, verificou-se uma clara superioridade da população «colonial» imigrada, sobretudo ao se constituir como a elite burocrático-administrativa. O conflito com os imigrantes não abrangia apenas os Gregos ou os grupos helenizados (ex.: Trácios, Lícios e Cários), mas incluía também os Sírios, os Judeus, os Samaritanos e outros imigrantes semitas provenientes dos quatro cantos do império ptolomaico além-mar<sup>45</sup>.

A maioria demográfica do país, a etno-classe indígena, representando entre 85 a 90 % da população, foi, em consequência, remetida para os subúrbios da cidade e tinha um usufruto mitigado dos direitos de cidadania<sup>46</sup>. A periferia urbana correspondia, portanto, à periferia político-social-administrativa. Com o passar do tempo, a coabitação e coexistência social, mais ou menos forçada, das diferentes etnias conduziu a comportamentos (ora unilaterais ora bilaterais) de aceitação activa e passiva da dominação estrangeira<sup>47</sup>.

Capital económica, industrial e cultural do reino ptolomaico até à anexação do Egipto por Roma (30 a.C.), Alexandria foi uma das mais brilhantes cidades do Mediterrâneo, centro de militares, funcionários, negociantes, intelectuais e artistas, materializando o encontro entre as culturas grega e oriental-egípcia, sem misturas nem confusões, respeitando o carisma de cada uma das suas componentes<sup>48</sup>.

### 3. Outros traços significativos do cosmopolitismo alexandrino

#### 3.1. O culto multicultural de Serápis

A vida da cosmopolita Alexandria não se fez, porém, obviamente, sem tensões e conflitos étnico-político-sociais. A forte antítese greco-macedónios imigrados e egípcios autóctones colocou realmente novos problemas e novos desafios ao poder político ptolomaico, que, se por um lado era geneticamente oriundo da Macedónia, por outro, residia junto no Egipto. Uma das criativas formas experimentadas pelos Ptolomeus, logo no séc. III a.C., foi a conciliação através da religião, através da elaboração de uma imagem diferente, complexa e subtil dos deuses egípcios, nascida do encontro entre a religião tradicional egípcia e as técnicas e modos de expressão oriundos da Grécia, que valeria à cidade um dos seus títulos de glória: «a cidade amada dos deuses».

A religião egípcia, ao longo dos tempos, nunca tendera para a exclusividade. As suas divindades apresentavam-se aos imigrantes e aos indígenas sob formas diferentes; na mesma

---

*Ob. Cit.*, p. 27. Não se deve, todavia, olvidar que a *intelligentsia* egípcia, usando a língua grega, desempenhou um papel preponderante no desenvolvimento intelectual da cidade (Cf. Mounir Shoucri, «Alexandrie hier et aujourd'hui» in *Le Monde Copte*, n.ºs 27-28, p. 63; Dorothy J. Thompson, «Literacy and the administration in early ptolemaic Egypt» in *Life in a multicultural society: Egypt from Cambyses to Constantine and beyond*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 1992, pp. 324; Willy Peremans, «Le bilinguisme dans les relations gréco-égyptiennes sous les Lagides» in *Egypt and the Hellenistic World. Proceedings of the International Colloquium. Leuven. 24-26 May 1982*, Lovanii, 1983, pp. 255-258; *Id.*, «Sur le bilinguisme dans l'Égypte des Lagides» in *Studia Paulo Naster Oblata. II. Orientalia Antiqua*, Leuven, Uitgeverij Peeters, 1982, pp. 143-144; Philippe Derchain, «Grecs et égyptiens en Égypte à l'époque hellénistique. Essai sur les rapprochements culturels» in *Bulletin de l'Association angevine et nantaise d'Égyptologie Isis*, n.º 5, Angers, 1998, pp. 7-17).

<sup>45</sup> Cf. J. Rowlandson, *Ob. Cit.*, p. 335.

<sup>46</sup> Embora os dados numéricos sejam incertos, é possível que a percentagem de imigrados se situasse entre os 10 a 15 %, distribuídos de forma desigual pelo país, com uma clara concentração em Alexandria e na zona do Delta (Cf. Dorothy J. Thompson, «L'Égypte des Ptolémées» in Andrew Erskine (dir.), *Le Monde Hellénistique. Espaces, sociétés, cultures – 323-31 av. J.-C.*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, p. 156).

<sup>47</sup> Barbara Anagnostou-Canas analisa o caso concreto das aproximações sociais no meio militar (Cf. B. Anagnostou-Canas, *Ob. Cit.*, pp. 213, 221-223).

<sup>48</sup> Cf. A. I. Sadek, *Ob. Cit.*, p. 17.

divindade podiam «ver-se» e «sentir-se» deuses distintos: o Hórus de Edfu era Apolo para os Gregos; o deus-sol Ré para os Egípcios, adorado em Heliópolis, era Hélios para os Gregos; Zeus tomava as formas do antigo Amon de Tebas. Claramente adeptos das formas antropomorfas, em detrimento das formas híbridas das tradicionais divindades egípcias, os helénicos não tiveram dificuldade em aceitar os atributos dos antigos deuses locais desde que revestidos de aparência grega<sup>49</sup>. O caso mais flagrante foi o de Serápis.

Inspirado no culto menfita do touro deificado Osorápis (uma mistura teológica de Ápis e Osíris), o novo culto serapiano, criado por Ptolomeu I Sóter, congregava sob traços iconográficos claramente helénicos a antiga essência teológica egípcia<sup>50</sup>. De facto, na nova divindade multicultural de Alexandria convergiam os traços do antigo boi egípcio Ápis (que ao morrer se assimilava a Osíris), bem como as semelhanças físicas, qualidades e poderes dos deuses gregos Zeus, Hélios, Dioniso, Hades, Poséidon e Asclépio<sup>51</sup>.

Através de uma divindade híbrida multicultural, o poder político tentou superar as diferentes crenças dos diferentes grupos étnico-culturais sob sua dominação e, assim, promover a sua coexistência pacífica e salutar. O *Serapeum* de Alexandria instituiu-se em santuário multicultural, assente precisamente nesta justaposição das devoções com o objectivo de alcançar uma espécie de conciliação e concórdia religioso-social<sup>52</sup>.

Ao estabelecer o templo de Serápis no lugar mais alto da cidade, a colina de Rakotis, *Ra-Ked* em egípcio (actual Amud *es-Sawari*), na tradicional zona residencial dos Egípcios, Ptolomeu I colocava literalmente Serápis a dominar Alexandria (tal como Atena dominava Atenas). Alexandria era a «nova Atenas», Serápis o seu patrono multicultural, resultado directo do próprio cosmopolitismo da cidade, e o seu santuário o mais importante edifício religioso da cidade<sup>53</sup>.

O culto a Serápis tornou-se o principal culto «nacional» da dinastia reinante no território egípcio e, em resultado das novas construções sagradas realizadas pelos Lágidas nas

49 Cf. D. J. Thompson, *Ob. Cit.*, pp. 151, 152.

50 Habitualmente, Serápis era representado como um homem maduro, de farta barba frisada, bigode e longos cabelos encaracolados (com cinco mechas no alto da frente), por vezes sentado «em majestade», vestindo uma típica túnica helenística plissada (*chiton*) e um manto (*himation*), calçando sandálias e usando na cabeça um *modius* (cesto ou vaso semelhante a um moderno vaso de flores, usado como medida de cereais), também chamado *calathos*, que, qual coroa, o categorizava como divindade dispensadora da prosperidade, da abundância e da fertilidade agrícola. Além deste tipo sentado «em majestade» e das estátuas em que Serápis surge de pé, segurando uma cornucópia (outro símbolo de prosperidade, abundância e riqueza), é também de referir, embora não seja a sua iconografia típica, aquela que o mostra com dois chifres de carneiro curvados, retorcidos. É a iconografia sincrética que remete para o antigo deus egípcio Amon que assumia a forma do carneiro da espécie *ovis platyura aegyptiaca*.

51 Os atributos de soberania eram-lhe conferidos pelos deuses solares Zeus e Hélios e também por Poséidon. De Dioniso, Ápis e Osíris recebia os vectores de fertilidade agrícola do mundo natural. Hades, Asclépio e também Osíris forneciam-lhe os elementos funerários, associados à vida no Além, à medicina e à magia. Serápis reunia, portanto, consistentes caracteres ctónicos e solares, presentes nos plasmata culturais das populações helénicas e egípcias (Cf. José das Candeias Sales, *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egípto antigo*, Lisboa, Editorial Presença, 1999, pp. 363-364).

52 A Serápis foram consagrados inúmeros templos (*Serapeum* ou *Serapeion*) por todo o território egípcio. Os mais conhecidos são, indubitavelmente, os de Alexandria e de Mênfis. O de Alexandria, situado no bairro sudoeste de Rakotis, a pouca distância do centro cívico, era realmente um autêntico santuário multicultural: segundo dois rituais distintos, havia dois cleros a officiar, um grego e outro egípcio. Ao que parece, a fundação do templo data dos reinados de Ptolomeu III (246-221 a.C.) e de Ptolomeu IV (221-204 a.C.), embora se admita que o local já estava dotado de sacralidade desde os primeiros tempos da cidade.

53 Alexandria destronara Atenas como cidade mais importante e próspera do mundo grego, mas tinha-a, em muitos aspectos, como é este caso da divindade tutelar, como modelo.

suas possessões exteriores, acabou por se difundir rapidamente por toda a bacia mediterrânica (incluindo a própria Grécia), sendo extraordinariamente bem acolhido<sup>54</sup>.

O extraordinário da situação criada em Alexandria com este deus artificial, foi que a religião constituiu para o poder político um território particularmente propício para promover a coexistência social e a harmonização intercultural que recusava noutros planos, como seja, ao proibir os casamentos mistos<sup>55</sup>. O forte pendor cosmopolita de Alexandria, naturalmente complexo e inusitado, impôs estas (novas) soluções. A criação do novo deus reflectiu a originalidade da situação de Alexandria e o seu sucesso resultou das próprias características multiculturais do mundo helenístico.

### 3.2. O movimento intelectual

Como metrópole e capital do saber, Alexandria foi também um centro de atracção e de irradiação de sábios e letrados. Como disse Estrabão: «*Em Alexandria, não são apenas acolhidos numerosos estudiosos, como são enviados para o estrangeiro um número não negligenciável de Alexandrinos*»<sup>56</sup>. Esta dimensão do cosmopolitismo de Alexandria merece igualmente uma referência porque introduz na vida da antiga cidade uma dinâmica que ainda hoje se lhe associa.

Uma vez mais, é preciso atribuir ao poder político ptolomaico os louros pela forma como soube fundar instituições culturais de referência na cidade (sobretudo o Museu e a Biblioteca) que atraíram, designadamente a partir de 295 a.C., pléiades de cientistas, investigadores, poetas e filósofos, que trabalharam sob patrocínio e expensas reais.

O Museu, «templo das Musas», fundado por Ptolomeu I Sóter, ficou para sempre associado ao desenvolvimento da ciência no período helenístico. Entre os seus primeiros directores contaram-se Demétrio de Falero (o «filósofo do poder» por detrás da concepção do Museu) e Estrabão de Lâmpsaco, discípulos de Aristóteles, defensores e promotores do saber universal que o seu mestre proclamara<sup>57</sup>.

A Biblioteca de Alexandria, igualmente criada por Ptolomeu I Sóter, também com o concurso de Demétrio de Falero, foi, sem dúvida, mesmo com a rivalidade com a de Pérgamo, a mais famosa de toda a Antiguidade. Graças a ela, Alexandria conheceu uma ímpar, durável e florescente vida intelectual<sup>58</sup>. Como centro depositário do saber antigo e

54 Paul Petit e André Laronde, consideram-no mesmo «le premier dieu dont l'audience fut universelle» (Paul Petit, André Laronde, *La Civilisation Hellénistique*, 7<sup>e</sup> ed., Paris, PUF, 1996, p. 78).

55 Não obstante as restrições legais às uniões mistas, é plausível que estas não tivessem deixado, naturalmente, de se produzir, embora não se consiga determinar a sua proporção. Na *chôra*, estas proibições não se faziam sentir, tendo produzido uma população mestiça, do ponto de vista étnico e cultural («familias bilingues», indivíduos «biculturais») - Cf. J. Rowlandson, *Ob. Cit.*, pp. 336, 339, 341 e 343.

56 Estrabão, XIV, 5, 13.

57 Cf. Claude Mosse, «Démétrios de Phalère: un philosophe au pouvoir» in *Alexandrie IIIe siècle av. J.-C.*, pp. 83-92; A. Bernand, *Alexandrie la Grande*, pp. 112-118; Mostafa El-Abadi, «La bibliothèque d'Alexandrie» in *La Gloire d'Alexandrie*, p. 112. Demétrio de Falero fora membro da escola peripatética e antigo governador de Atenas (317-307 a.C.). Expulso do poder em Atenas, refugiou-se na corte de Ptolomeu I, de quem se tornou um dedicado conselheiro.

58 Cf. Mostafa El-Abadi, *Ob. Cit.*, p. 116. Sobre a antiga Biblioteca, Ismail Serageldin escreveu recentemente: «The ancient library of Alexandria was one of the most ambitious and exciting intellectual ventures in the history of humanity. For the first time in history an attempt was made to collect universal knowledge, codify and organize it, and open up cultures to each other. This ecumenical spirit, with its commitment to tolerance, diversity, and openness to the other, was accompanied by a strong commitment to rationality, debate and the methods of scholarship, which I have referred to elsewhere as the values of science. These values, of truth, honour, rationality, tolerance, and arbitration of disputes were well in evidence in the ancient library, as scholars from all over the world debated on all topics that their imagination would conceive. This great adventure produced some of the most notable breakthrough in the history of

produtor da cultura helenística, possuía a maior colecção de livros até então reunida (400.000 *volumina* ou rolos de papiro, segundo Calímaco de Cirene). Entre os seus bibliotecários mais famosos, contou com homens ilustres, de autêntico espírito enciclopédico, como Zenódoto de Éfeso, Apolónio de Rodas, Eratóstenes de Cirene, Aristófanos de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia<sup>59</sup>.

Verdadeiros centros de investigação e de formação académica, as instituições alexandrinas fizeram do cosmopolitismo envolvente a sua própria característica fundamental. Além disso, no extremamente competitivo mundo dos reinos helenísticos, a posse e o funcionamento de museus e de bibliotecas eram símbolos de prestígio e de poder<sup>60</sup>.

Sem sermos exaustivos, é justo destacar entre os mais preciosos contributos fornecidos pelos intelectuais de Alexandria ao saber humano, a partir do séc. III a.C., as primeiras formulações científicas da teoria heliocêntrica, c. de 1800 anos antes de Copérnico, por Aristarco de Samos; o desenvolvimento da medicina, com os estudos de Praxágoras de Cós, Zenão, Mantias, Filino de Cós, Sarapião de Alexandria e Glaucias; a fundação, na primeira metade do séc. III a.C., da anatomia pelo mais importante dos médicos alexandrinos, Herófilo da Calcedónia (a quem se devem estudos sobre o olho e o nervo óptico, além de ter feito também a distinção entre o cérebro e o cerebelo, a separação de tendões e nervos, a descoberta do ritmo do pulso e a sua importância no estabelecimento do diagnóstico médico). Herófilo considerava a saúde o elemento mais importante da vida do Homem, dizendo «sem a saúde, a sabedoria não se desenvolve, o talento não pode manifestar-se, a força não pode entrar em competição, a riqueza torna-se inútil e a razão quase desvalorizada.»

Discípulo de Herófilo da Calcedónia, Erasítrato de Cós (primeira metade do séc. III a.C.) iniciou a fisiologia, salientando-se no estudo da circulação sanguínea e seus componentes. «Nutricionista» *avant le temps*, preocupou-se com o rejuvenescimento dos tecidos do corpo através da alimentação.

Também a matemática e a geometria conheceram um progresso notável, podendo mesmo falar-se do estabelecimento das suas bases com homens como Euclides de Alexandria, Apolónio de Perga e Estratão de Lâmpsaco. O primeiro, cerca do ano 300 a.C., redigiu os seus *Elementos*, em 13 livros, descobrindo as leis da geometria<sup>61</sup>. Apolónio de Perga (séc. III a.C.), por seu turno, destacou-se pelo estudo sobre o valor de  $\pi$  e sobre as secções cónicas (*As Cónicas*, em 8 livros). A ele se devem os termos elipse, parábola e hipérbole com que se designam os três tipos de secções cónicas.

---

human thought.» (Ismail Serageldin, *Bibliotheca Alexandrina. The rebirth of the Library of Alexandria*, Alexandria, Bibliotheca Alexandrina, 2002, p. 25).

59 Cf. A. Bernand, *Ob. Cit.*, pp. 118-121; Jean Lallot, «Zénodote ou l'art d'accommoder Homère» in *Alexandrie IIIe siècle av. J.-C.*, pp. 100-113; Christian Jacob, «Un athlète du savoir: Ératosthène» in *Alexandrie IIIe siècle av. J.-C.*, p. 127.

60 Cf. Dorothy J. Thompson, «Cultura escrita y poder en el Egipto ptolemaico» in *Cultura escrita y poder en el mundo antiguo*, Barcelona, Editorial Gedisa, 1999, p. 111; Vide também J. H. Cardinal Newman, «L'école d'Alexandrie, précurseur de l'université moderne» in *Le monde copte*, n°s 27-28, juin 1997, pp. 129-132).

61 Os 13 livros da sua obra (seis de geometria plana, quatro de teoria dos números e três de geometria dos sólidos) tratam de aspectos concretos das leis da geometria, a saber: construção do triângulo equilátero e do teorema de Pitágoras (Liv. I), fundamentos da álgebra geométrica (Liv. II), propriedades do círculo (Liv. III), inscrição no círculo dos primeiros polígonos regulares e sua circunscricção (Liv. IV), proporções entre grandezas de toda a espécie, números, superfícies, volumes, etc. (Liv. V), geometria e plano (Liv. VI), teoria dos números (Livros VII – IX), números irracionais (Liv. X), geometria no espaço (Liv. XI), área do círculo e dos volumes das pirâmides (Liv. XII) e poliedros regulares (Liv. XIII). A importância histórica da obra de Euclides de Alexandria subsistiu até à invenção da matemática moderna (Cf. P. Lévêque, *Ob. Cit.*, p. 122.)

Arquimedes de Siracusa (c. 287-212 a.C.), o maior matemático da Antiguidade, inventor do cálculo integral, celebrizado pelo *eureka* com que festejou a descoberta da lei da impulsão dos corpos, Héron de Alexandria (meados do séc. I d.C.), inventor de uma máquina a vapor, embora sem dela retirar resultados práticos, Ctésibios e Filon de Bizâncio, foram nomes decisivos no âmbito da física e da mecânica.

Na geografia e na cartografia merece referência Eratóstenes de Cirene (276-194 a.C.), o «atleta do espírito» ou «pentaleta»<sup>62</sup>, criador da geografia matemática, que, com um erro mínimo de umas centésimas, mediu a circunferência da Terra (39.602 Km para os reais 40.077 Km). O grande estóico Posidônio de Apameia ficou também ligado aos estudos geográficos: a ele se deve a formulação da hipótese de que as marés se deviam à atracção lunar.

As competências de Eratóstenes de Cirene fizeram-se também sentir no campo da astronomia. Nesta área, além dele e de Aristarco de Samos (c. 310-230 a.C.), ficaram célebres Cónon de Samos (séc. III a. C.) — denominou uma constelação como «cabeleira de Berenice», em honra da rainha Berenice II, esposa de Ptolomeu III Evérgeta I<sup>63</sup> —, Dositheos, Hipsicles de Alexandria, Hiparco de Niceia e Cláudio Ptolomeu. No caso de Hiparco de Niceia (segunda metade do séc. II a.C.), foi o responsável pelo estabelecimento do ano solar em 365 dias, 5 horas, 55 minutos e 12 segundos (erro, por excesso, de 6 minutos e 26 segundos), pela descoberta do fenómeno de precessão dos equinócios e do movimento de oscilação da Terra e pela medição da distância da Terra à Lua (com um erro de menos de 5%). Cláudio Ptolomeu (100-180 d.C.), já no séc. II d.C., portanto, foi autor de *Composição Matemática* (na Idade Média conhecido como *Almagesto*), o livro científico sobre a natureza do Universo que maior influência exerceu durante cerca de 1500 anos, uma vez que aí se defendia a teoria geocêntrica que só em 1543 seria definitivamente contrariada por Nicolau Copérnico.

Os primeiros passos de História e da história da literatura, da crítica textual, da filologia, da gramática e da lexicografia foram também dados em Alexandria, graças aos trabalhos de homens como Maneton de Sebenitos, Hecateu de Abdera, Zenódoto de Éfeso, Calímaco de Cirene, Filitas de Cós, Eratóstenes de Cirene, Aristófanes de Bizâncio, Aristarco de Samotrácia, Teócrito, Herondas e Dionísio Trácio.

Repare-se no denominativo toponímico associado a maior parte destes intelectuais. Trata-se de um prático e verdadeiro índice do cosmopolitismo de Alexandria. Oriundos de todo o mundo helenístico, estes estudiosos granjearam fama e apreço pelas manifestações intelectuais da cidade, marcando-a, por assim dizer, para todo o sempre, e demonstraram, de forma activa, o vigor da presença multicultural na cidade da Antiguidade.

---

62 As expressões são empregues por Jean-Pierre Levet para classificar o terceiro bibliotecário de Alexandria, que foi, simultaneamente, matemático, astrónomo, filósofo, geógrafo, historiador, filólogo, poeta, editor e comentador de livros - Cf. Jean-Pierre Levet, «Un savant d'Alexandrie: Eratosthène (III<sup>e</sup> siècle avant J.-C.). Un regard d'aujourd'hui» in *Le Monde Copte. Revue trimestrielle de la culture copte*, n<sup>o</sup>s 27-28, Paris, S.I.P.E., 1997, pp. 45, 46.

63 Cerca de 243 a.C., quando o seu marido partiu em campanha militar para a Mesopotâmia, Berenice II prometeu os seus longos cabelos à deusa Afrodite se esta zelasse pelo seu marido e o trouxesse de volta ao Egipto, são e salvo. Uma vez que tal aconteceu, a rainha cortou a sua cabeleira e colocou-a no altar de Afrodite. No dia seguinte, porém, a cabeleira havia desaparecido. Conhecedor desta história, Cónon de Samos afirmou que Afrodite ficara tão encantada com a oferenda que a levava para o céu. Daí a designação que deu à constelação.

\*

Todos os Ptolomeus até Cleópatra VII, inclusive, a mais longa das dinastias helenísticas, se empenharam no embelezamento da cidade, construindo palácios, templos e edifícios públicos. Continuando esta obra, os imperadores romanos dotaram também a «primeira e mais brilhante cidade do mundo» de outras edificações de utilidade pública (tribunais, teatros, anfiteatros, ginásios, hipódromos, etc.). Muitos destes esplêndidos edifícios a que os autores antigos aludem nos seus escritos são também conhecidos através da sua representação nas moedas alexandrinas e constituíam um índice e um símbolo da impressionante vitalidade económica da urbe e da sua projecção no imaginário de contemporâneos e vindouros.

Verdadeiro *melting pot of all nations* incessantemente animado, barulhento e frenético, acompanhado do esplendor e da glória que os tempos da riqueza material proporcionaram, mas também da anarquia, querelas e rebeliões e do esfacelamento institucional que se associam às épocas de confrontos e de decadência, Alexandria atraiu povos de todos os lados, mas particularmente Gregos da Hélade, com os olhos postos na carreira administrativa dos Ptolomeus e nas excelentes condições comerciais que os seus movimentados portos ofereciam. Foi, durante muito tempo, a mais povoada das cidades do Egipto e do mundo helenístico. A «nova ordem mundial» iniciada com Alexandre Magno mostrava-se e sentia-se particularmente bem no cosmopolitismo de Alexandria.

Aglomerado populacional *sui generis* também pela impressiva marca multicultural do culto criado para Serápis, em nome de uma coexistência social harmoniosa e pacífica, a cidade de Alexandria foi ainda uma «cidade do mundo» (cosmópolis) ao funcionar como ponto de partida e de chegada de centenas de brilhantes estudiosos que, com os seus inestimáveis contributos em inúmeras actividades e matérias, elevaram decisivamente o pensamento da Humanidade. O brilhantismo intelectual-cultural de Alexandria foi de tal ordem que, durante muito tempo, embora de forma errada, chamou-se «alexandrino» a tudo o que era helenístico.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

- ARRIANO, *Anábasis de Alejandro Magno. Libros I-III e IV-VIII (Índia)*, “Biblioteca Clásica Gredos, 49 e 50”, Madrid, Editorial Gredos, 1982.
- DIODORUS SICULUS. *Diodorus of Sicily in Twelve Volumes. VIII – Books XVI. 66-95 and XVII with an English Translation by C. Bradford Welles*, Loeb Classical Library, Cambridge/ Massachusetts, Harvard University Press, London, William Heinemann, Ltd., 1983
- PSEUDO-CALÍSTENES, *Vida y hazañas de Alejandro de Macedonia* (trad. Carlos García Gual), Madrid, Editorial Gredos, 1988.
- \_\_\_\_\_, *Le roman d’Alexandre. La vie et les hauts faits d’Alexandre de Macédoine* (trad. Gilles Bounoure et Blandine Serret), Paris, Les Belles Lettres, 1992.
- \_\_\_\_\_, *Le roman d’Alexandre. Vie d’Alexandre de Macédoine* (tradução e edição de Aline Tallet-Bonvalot), Paris, Flammarion, 1994.

- PLUTARCO, *Vida de Alexandre* (tradução de Justino Mendes de Almeida) in Benoist-Méchin, *Alexandre Magno (356-323 antes de Cristo)*, Porto, Lello & Irmãos Editores, 1980, pp. 289-364.
- \_\_\_\_\_, *Vies parallèles*, Paris, Gallimard, 2001.
- POLÍBIO, *Histoire*, Paris, Éditions Gallimard, 1970.
- \_\_\_\_\_, *The Histories I-VI* (trad. e ed. W. R. Paton), London/ New York/ Cambridge, Mass Loeb, 1974.
- QUINTO CÚRCIO RUFO, *Historia de Alejandro Magno*, «Biblioteca Clásica Gredos, 96», Madrid, Editorial Gredos, 1986.
- STRABON, *Voyage en Égypte Un regard romain*. Préface de Jean Yoyotte; trad. de Pascal Charvet; commentaires de J. Yoyotte et P. Charvet, Paris, Nil éditions, 1997.
- VIDAL-NAQUET, Pierre, *Arrien, Histoire d'Alexandre. L'anabase d'Alexandre le Grand et l'Inde suivie de Flavius Arrien entre deux mondes*, Paris, Les Editions de Minuit, 1984.

### Obras gerais

- AAVV, *Alexandre Le Grand. Image et réalité*, Genève, Fondation Hardt, 1975.
- AAVV, *L'ABCdaire d'Alexandrie*, Paris, Flammarion, 1998.
- AAVV, *Alexandrie III<sup>e</sup> siècle av. J.-C. Tous les savoirs du monde ou le rêve d'universalité des Ptolémées*, Paris, Éditions Autrement, 1992.
- *Alexandre le Grand. La vie légendaire*, Paris, Éditions du Félin, 1993.
- AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine, *L'Orient et la Grèce antique*, Paris, Quadrige/ PUF, 1953.
- BAGNALL, Roger S., *The administration of the ptolemaic possessions outside Egypt*, Leiden, E. J. Brill, 1976.
- BALLEST, Pascale, *La vie quotidienne à Alexandrie. 331-30 avant J.-C.*, Paris, Hachette, 1999.
- BASLEZ, Marie-Françoise, *Histoire politique du monde grec antique*, 2<sup>e</sup> ed., Paris, Nathan Université, 1999.
- BERNAND, André, *Leçon de civilisation*, Paris, Fayard, 1994.
- \_\_\_\_\_, *Alexandrie des Ptolémées*, Paris, CNRS, 1995.
- \_\_\_\_\_, *Alexandrie la grande*, Paris, Hachette, 1996.
- BRIANT, Pierre, *De la Grèce à l'Orient. Alexandre le Grand*, Paris, Gallimard, 1987.
- \_\_\_\_\_, *Alexandre le Grand*, Paris, PUF, 1994.
- DROYSEN, Gustave, *Alexandre Le Grand*, Bruxelles, Editions Complexe, 1991.
- EMPEREUR, Jean-Yves, *Alexandrie redécouverte*, Paris Fayard/ Stock, 1998.
- \_\_\_\_\_, *Le phare d'Alexandrie*, Paris, Découvertes Gallimard, 1998.
- \_\_\_\_\_, *Alexandrie. Hier et demain*, Paris, Gallimard, 2001.
- FAURE, P., *La vie quotidienne des armées d'Alexandre*, Paris, Hachette, 1982.
- FRASER, P. M., *Ptolemaic Alexandria, Vols. 1 e II*, Oxford, The Clarendon Press, 1972.
- \_\_\_\_\_, *Cities of Alexander the Great*, Oxford, Oxford University Press, 1996.
- FREEMAN, Charles, *Egypt, Greece and Rome. Civilizations of the Ancient Mediterranean*, Oxford, Oxford University Press, 1996.
- GOUDRIAAN, Koen, *Ethnicity in ptolemaic Egypt*, Amsterdam, J. C. Gieben, Publisher, 1988.
- GOUKOWSKY, Paul, *Essai sur les origines du mythe d'Alexandre (326-270 av. J.-C.) I. Les origines politiques*, Nancy, 1978.
- \_\_\_\_\_, *Essai sur les origines du mythe d'Alexandre (326-270 av. J.-C.) II. Alexandre et Dionysos*, Nancy, 1981.
- GREEN, Peter, *Alexander et Macedon (356-323 B.C.). A historical biography*, Berkeley/ Los Angeles, University of California Press, 1991.
- JOUGUET, Pierre, *L'impérialisme macédonien et l'hellénisation de l'Orient*, Paris, Éditions Albin Michel, 1972.
- LÉVÊQUE, Pierre, *L'Aventure Grecque*, Paris, Armand Colin, 1964.
- \_\_\_\_\_, *O Mundo Helenístico*, Lisboa, Edições 70, 1987.
- *La gloire d'Alexandrie*, Catalogue générale de l'exposition «La gloire d'Alexandrie» (Paris, 7 mai-26 juillet 1998), Paris, Paris-Musées, 1998.
- MOSSÉ, Claude, *Alexandre. O destino de um mito*, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 2005.
- O'BRIEN, John Maxwell, *Alexander the Great. The Invisible Enemy. A Biography*, Londres, 1994.
- PÉDECH, Paul, *Historiens compagnons d'Alexandre. Callisthène. Onésicrite. Néarque. Ptolémée. Aristobule*, Paris, Édition Les Belles-Lettres, 1984.
- PEREMANS, W.; VAN'T DACK, E.; MEULENAERE, H. de; IJSEWIJN, J., *Prosopographia Ptolemaica III. Le clergé, le notariat, les tribunaux*, Studia Hellenistica 11, Louvain, Publications Universitaires de Louvain 1956.

- PEREMANS, W.; VAN'T DACK, E.; MOOREN, L.; SWINNEN, W., *Prosopographia Ptolemaica. VI. La cour, les relations internationales et les possessions extérieures, la vie culturelle*, n° 14479-17250, *Studia Hellenistica* 17, Louvain, Publications Universitaires de Louvain, 1968.
- PETIT, Paul, *La civilisation hellénistique*, Paris, PUF, 1996.
- PETIT, Paul ; LARONDE, André, *La Civilisation Hellénistique*, 7<sup>e</sup> ed., Paris, PUF, 1996,
- RICE, E. E., *Alexander the Great*, London, Sutton Publishing, 1997.
- ROCHA PEREIRA, M. H., *Estudos de História da Cultura Clássica. I Vol. Cultura Grega*, 7<sup>a</sup> ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- SALES, José das Candeias, *Ideologia e propaganda real no Egípto Ptolomaico (305-30 a.C.)*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2005.
- SERAGELDIN, Ismail, *Bibliotheca Alexandrina. The rebirth of the Library of Alexandria*, Alexandria, Bibliotheca Alexandrina, 2002.
- STAMBAUGH, J. E., *Sarapis under the early Ptolemies*, EPRO 25, Leiden, E. J. Brill, 1972.
- VIAL, Claude, *Les Grecs de la paix d'Apamée à la bataille d'Actium. 188-31*, Paris, Éditions du Seuil, 1995.

### Artigos

- ANAGNOSTOU-CANAS, Barbara, «Rapports de dépendance coloniale dans l'Égypte Ptolémaïque I. L'appareil militaire» in *Bulletino dell'Istituto di Diritto Romano Vittorio Scialoja (BIDR)*, Vol. XXXI-XXXII, 1989-90, pp. 151-236.
- BAGNALL, Roger S., «Greeks and Egyptians: Ethnicity, Status, and Culture» in *Cleopatra's Egypt. Age of Ptolemies*, Brooklyn, The Brooklyn Museum, 1988, pp. 21-27.
- BAKHOUM, Soheir, «Les édifices alexandrins d'après les documents monétaires» in *Alexandrie. Lumière du Monde Antique. Les Dossiers d'Archéologie*, n° 201, Mars 1995, Dijon, Éditions Fatou, 1995, pp. 2-11.
- BILLOWS, Richard, «Les cités» in Andrew Erskine (dir.), *Le Monde Hellénistique. Espaces, sociétés, cultures – 323-31 av. J.-C.*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, pp. 265-287.
- BINGEN, Jean, «Le milieu urbain dans la chôra égyptienne à l'époque ptolémaïque» in *Proceedings of the XIV International Congress of Papyrology. Oxford, 24-31 July 1974*, London, The British Academy, 1975, pp. 367-373.
- \_\_\_\_\_, «Économie grecque et société égyptienne au III<sup>e</sup> siècle» in *Das ptolemäische Ägypten* (editado por H. Maehler e V. M. Strocka), Berlim, Deutsches Archäologisches Institute, 1976, pp. 211-219.
- BRAUND, David, «L'émergence du monde hellénistique. L'après Alexandre (323-281)» in Andrew Erskine (dir.), *Le Monde Hellénistique. Espaces, sociétés, cultures – 323-31 av. J.-C.*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, pp. 44-62.
- CHAPOT, V., «Alexandre, fondateur de villes» in *Mélanges Gustave Glotz*, Tome I, Paris, Presses Universitaires de France, 1932, pp. 173-181.
- CHAUVEAU, Michel, «Rhakôtis et la fondation d'Alexandrie» in *Égypte, Afrique & Orient*, n° 24, Centre Vaclusien d'Égyptologie, Villeneuve-les-Avignon, décembre 2001, pp. 13-16.
- \_\_\_\_\_, «Bilinguisme et traductions» in *Le décret de Memphis. Colloque de la Fondation Singer-Polignac à l'occasion de la célébration du bicentenaire de la découverte de la Pierre de Rosette* (sous la direction de Dominique Valbelle e Jean Leclant), Paris, Diffusion de Boccard, 1999, pp. 25-39.
- CLARYSSE, Willy, «Greeks and Egyptians in the ptolemaic army and administration» in *Aegyptus. Rivista italiana de Egittologia e di Papirologia*, 65, Milano, Università Cattolica del Sacro Cuore, 1985, pp. 57-66.
- \_\_\_\_\_, «Some greeks in Egypt» in *Life in a multicultural society: Egypt from Cambyses to Constantine and beyond* (edited by Janet H. Johnson), Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 1992, pp. 51-56.
- \_\_\_\_\_, «Egyptian scribes writing greek» in *CdE, LXVIII* (1993), Fasc. 135-136, Bruxelles, Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1993, pp. 186-201.
- \_\_\_\_\_, «Ethnic diversity and dialect among the Greeks of hellenistic Egypt» in *The two faces of Graeco-roman Egypt. Greek and demotic and greek-demotic texts and studies* (edited by A. M. F. W. Verhoogt and S. P. Vleeming), Leiden/ Boston/ Köln, E. J. Brill, 1998, pp. 1-13.
- CRISCUOLO, Lucia, «Le istituzioni pubbliche nell'Egitto tolemaico» in *Egitto e società antica. Atti del convegno. Torino 8/9. VI – 23/24. XI. 1984*, Milano, Vita e Pensiero, 1985, pp. 133-145.
- DECOBERT, Christian, «La vision d'Alexandrie chez les Arabes» in *La gloire d'Alexandrie*, Catalogue générale de l'exposition «La gloire d'Alexandrie» (Paris, 7 mai-26 juillet 1998), Paris, Paris-Musées, 1998, , pp. 304-306.

- DERCHAIN, Philippe, « Grecs et égyptiens en Égypte à l'époque hellénistique. Essai sur les rapprochements culturels » in *Bulletin de l'Association angevine et nantaise d'Égyptologie Isis*, n° 5, Angers, 1998, pp. 7-17.
- DOYEN, Florence; PREYS, René, « La présence grecque en Égypte ptolémaïque: les traces d'une rencontre » in *L'atelier de l'orfèvre. Mélanges offerts à Ph.*, Leuven, Peeters, 1992, pp. 63-85.
- DUCAT, Jean, « Grecs et égyptiens dans l'Égypte lagide: hellénisation et résistance à l'Hellénisme » in *Entre Égypte et Grèce. Actes du colloque du 6-9 Octobre 1994*, Paris, Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 1995, pp. 68-81.
- EL-ABBADI, Mostafa, « La bibliothèque d'Alexandrie » in *La gloire d'Alexandrie*, Catalogue générale de l'exposition « La gloire d'Alexandrie » (Paris, 7 mai-26 juillet 1998), Paris, Paris-Musées, 1998, p. 112.
- EMPEREUR, Jean-Yves, « Alexandrie, ville grecque en terre égyptienne » in *Le Grand Atlas de l'Art*, Paris, Encyclopaedia Universalis, 1993, pp. 154-155.
- \_\_\_\_\_, « Du nouveau sur la topographie d'Alexandrie » in *Comptes rendus de l'Académie des Belles-Lettres*, fascicule 3, 2003, Paris, pp. 921-933.
- ERRINGTON, R. M., « Alexander in the Hellenistic World » in *Alexandre Le Grand. Image et réalité*, Genève, Fondation Hardt, 1975, pp. 171, 172; 211-213.
- ERSKINE, Andrew, « Pour aborder le monde hellénistique » in Andrew Erskine (dir.), *Le Monde Hellénistique. Espaces, sociétés, cultures – 323-31 av. J.-C.*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, pp. 25-42.
- FAVARD-MEEKS, Christine, « Le Delta égyptien et la mer jusqu'à la fondation d'Alexandrie » in *Studien zur Altägyptischen Kultur*, Hamburgo, Helmut Buske Verlag, 1989, pp. 39-63.
- GARIAN, Yvon, « Les murailles d'Alexandrie » in *La gloire d'Alexandrie*, Catalogue générale de l'exposition « La gloire d'Alexandrie » (Paris, 7 mai-26 juillet 1998), Paris, Paris-Musées, 1998, p. 8.
- GÓMEZ ESPELOSÍN, Francisco Javier, « Las revueltas de Alejandría: Pautas de comportamiento de una masa urbana en época helenística » in *Estudios Humanísticos* 8, 1986, pp. 49-75.
- \_\_\_\_\_, « Alejandría, la ciudad de las maravillas » in *Ciudades del mundo antiguo*, Madrid, Ediciones Clásica, 1997, pp. 63-81.
- GOUDRIAAN, Koen, « Ethnical strategies in Graeco-roman Egypt » in *Ethnicity in hellenistic Egypt* (edited by Per Bilde, Troels Engberg-Pedersen, Lise Hannestad and Jan Zahle), Studies in Hellenistic Civilization III, Aarhus, Aarhus University Press, 1992, pp. 74-99.
- GREEN, Peter, « Alexander's Alexandria » in *Alexandria and alexandrinism*, Malibu-California, The J. Paul Getty Museum, 1996, p. 8.
- GRIMM, Günter, « City planning ? » in *Alexandria and alexandrinism*, Malibu-California, The J. Paul Getty Museum, 1996, pp. 55-74.
- GRUEN, Erich S., « Juifs et Grecs » in Andrew Erskine (dir.), *Le Monde Hellénistique. Espaces, sociétés, cultures – 323-31 av. J.-C.*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, pp. 347-365.
- HAIRY, J., « Mythes et réalité virtuelle: le cas d'Alexandrie » in *Virtual Retrospect 2003. Proceedings of the conference Biarritz (France) November 6th-7th 2003*, Bordeaux, Ausonius, 2004, pp. 19-23.
- LANÇON, Bertrand; SCHWENTZEL, Christian-Georges, *L'Égypte hellénistique et romaine*, Paris, Nathan, 1999.
- LÉVÉQUE, Pierre, *O mundo helenístico*, Lisboa, Edições 70, 1987.
- LEVET, Jean-Pierre, « Un savant d'Alexandrie: Eratosthène (III<sup>e</sup> siècle avant J.-C.). Un regard d'aujourd'hui » in *Le Monde Copte. Revue trimestrielle de la culture copte*, n°s 27-28, Paris, S.I.P. E., 1997, pp. 45-58.
- MATTHIEU, Bernard, « Travaux de l'IFAO en 2003-2004: Alexandrie » in *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale* 104, Cairo, 2004, pp. 634-638.
- NEWMAN, J. H. Cardinal, « L'école d'Alexandrie, précurseur de l'université moderne » in *Le monde copte*, n°s 27-28, juin 1997, pp. 129-132.
- PEREMANS, Willy, « Égyptiens et étrangers dans l'Égypte ptolémaïque » in *Grecs et barbares*, Genève, Fondation Hardt, 1962, pp. 121-166.
- \_\_\_\_\_, « Ethnies et classes dans l'Égypte ptolémaïque » in *Recherche sur les structures sociales dans l'Antiquité classique*, Paris, CNRS, 1970, pp. 213-223.
- \_\_\_\_\_, « Égyptiens et étrangers dans l'armée de terre et dans la police de l'Égypte ptolémaïque » in *AncSoc* 3, Leuven, Katholieke Universiteit Leuven, 1972, pp. 67-76.
- \_\_\_\_\_, « Classes sociales et conscience nationale en Égypte ptolémaïque » in *Miscellanea in Honorum Josephi Vergote*, Leuven, Département Orientalistik, 1975/ 76, pp. 443-453.
- \_\_\_\_\_, « Les indigènes égyptiens dans l'armée de terre des lagides. Recherches anthroponymiques » in *AncSoc* 9, Leuven, Katholieke Universiteit Leuven, 1978, pp. 83-100.
- \_\_\_\_\_, « Étrangers et égyptiens en Égypte sous le règne de Ptolémée I<sup>er</sup> » in *AncSoc* 11/ 12, Leuven, Katholieke Universiteit Leuven, 1980/ 1981, pp. 213-226.

- \_\_\_\_\_, «Les mariages mixtes dans l'Égypte des Lagides» in *Scritti in onore di Orsolina Montevocchi*, Bologna, Editrice Clueb, 1981, pp. 273-281.
- \_\_\_\_\_, «Sur le bilinguisme dans l'Égypte des Lagides» in *Studia Paulo Naster Oblata. II. Orientalia Antiqua*, Leuven, Uitgeverij Peeters, 1982, pp. 143-154.
- \_\_\_\_\_, «Le bilinguisme dans les relations gréco-égyptiennes sous les Lagides» in *Egypt and the Hellenistic World. Proceedings of the International Colloquium. Leuven. 24-26 May 1982* (edited by E. Van't Dack, P. van Dessel and W. van Gucht), Lovanii, 1983, pp. 253-280.
- PETRULLO, Alfredo, «Siwa, l'oasis de Zeus-Amon» in *L'Égypte ancienne. Les secrets du Haut-Nil*, Paris, Éditions Tallandier, 1998, pp. 45-47.
- POLIGNAC, François de, «From the Mediterranean to Universality? The Myth of Alexander, Yesterday and Today» in *Mediterranean Historical Review*, Vol. 14, n° 1, Junho, Londres, 1999, pp. 1-17.
- ROWLANDSON, Jane, «Ville et campagne dans l'Égypte ptolémaïque» in Andrew Erskine (dir.), *Le Monde Hellénistique. Espaces, sociétés, cultures – 323-31 av. J.-C.*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, pp. 327-345.
- SADEK, Ashraf Iskander, «Alexandrie, fille de Rakotis et fruit des relations égypto-grecques» in *Le Monde Copte. Revue trimestrielle de la culture copte*, n°s 27-28, Paris, S. I. P. E., 1997, pp. 7-20.
- SALES, José das Candeias, «As campanhas de Alexandre Magno e a definição de uma (nova) identidade político-cultural no final do séc. IV a.C.» in *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, II Série, n° 1. Regiões/Identidade, Abril, Lisboa, Universidade Aberta, 1999, pp. 57-90.
- \_\_\_\_\_, «Alexandrea ad Aegyptum. Protótipo de metrópole universal» in *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, II Série, n° 5. O Imaginário da cidade, Lisboa, Universidade Aberta, Dezembro 2003, pp. 83-105.
- \_\_\_\_\_, «Literacia e bilinguismo: novas configurações da administração egípcia no período ptolomaico» in *Percursos do Oriente Antigo. Estudos de homenagem ao Professor Doutor José Nunes Carreira na sua jubilação académica*, Lisboa, Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 497-512.
- \_\_\_\_\_, «Prodígios e presságios como marcas da sobrenaturalidade de um herói predestinado: o caso de Alexandre Magno» in *Cadmo 15. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa*, Lisboa, Instituto Oriental, 2005, pp. 71-104.
- SHOUCRI, Mounir, «Alexandrie hier et aujourd'hui» in *Le Monde Copte. Revue trimestrielle de la culture copte*, n°s 27-28, Paris, S. I. P. E., 1997, pp. 63-69.
- THOMPSON, Dorothy J., «Literacy and the administration in early ptolemaic Egypt» in *Life in a multicultural society: Egypt from Cambyses to Constantine and beyond*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 1992, pp. 323-326.
- \_\_\_\_\_, «Language and literacy in early hellenistic Egypt» in *Ethnicity in hellenistic Egypt* (edited by Per Bilde, Troels Engberg-Pedersen, Lise Hannestad and Jan Zahle), Studies in Hellenistic Civilization III, Aarhus, Aarhus University Press, 1992, pp. 39-52.
- \_\_\_\_\_, «Cultura escrita y poder en el Egipto ptolomaico» in *Cultura escrita y poder en el mundo antiguo*, Barcelona, Editorial Gedisa, 1999, pp. 111-134; pp. 347-349.
- \_\_\_\_\_, «Conquest and literacy: the case of Ptolemaic Egypt» in *Literacy: interdisciplinary conversations* (edited by Deborah Keller-Cohen), New Jersey, Hampton Press, 1992, pp. 323-326.
- \_\_\_\_\_, «L'Égypte des Ptolémées» in Andrew Erskine (dir.), *Le Monde Hellénistique. Espaces, sociétés, cultures – 323-31 av. J.-C.*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, pp. 149-167.
- VEYNE, Paul, «Prodiges, divination et peur des dieux chez Plutarque» in *Revue de l'histoire des religions*, Tome 216, Fascicule 4, Octobre-Décembre, Paris, P.U.F., 1999, p. 389.
- YOYOTTE, Jean, «Le nom égyptien du "ministre de l'économie"» in CRAIBL, Paris, 1989, pp. 73-90.